REVISTA DA FUNDARTE
EDITORA da FUNDARTE
Ano 14 – Número 27 – Janeiro/Junho 2014

Suíte para sete artistas

Carmen Lúcia Capra
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Como pode uma imagem carregar-se de tempo?[1]

Que elo haveria entre sete trabalhos poéticos de conclusão de graduação em artes visuais, sete percursos únicos e distintos, além do fato de estarem regulados pelo mesmo tempo, o final do curso? O que daria base para mantê-los em exposição, juntos, sem confinar cada um em sua unicidade?

Nas camadas do tempo regulado de cronos/calendário/prazo a que todos estamos submetidos foi onde justamente encontrei uma ideia para a montagem da exposição Suíte n.1 e apresentar publicamente[2] os trabalhos poéticos de conclusão do Curso de Graduação em Artes Visuais: licenciatura da UERGS (2013). Assim, uma analogia entre as artes do tempo e do movimento possibilitou tecer diálogos entre os percursos de criação dos jovens artistas.

Suíte é um termo da música que, no século XVI, indicava um conjunto de danças em uma peça musical como, por exemplo, minueto, sarabanda, giga. Hoje, pode ser a reunião de excertos de uma composição maior ou uma coleção de obras sobre um tema em comum. Mas poderiam o tempo e o movimento serem evocados na estaticidade das imagens?

Domenico da Piacenza (1400 - 1470), em seu tratado de dança[3], discorre sobre os elementos fundamentais dessa arte, entre eles a *fantasmata*. A dança é uma operação conduzida sobre imagens temporal e espacialmente ordenadas na memória do dançarino. Assim, o seu lugar não está no próximo movimento a fazer com o corpo, mas na imagem da pausa imóvel, na energia dinâmica da potência da memória. A

[1] Agamben, 2012.
[2] Os trabalhos foram montados e defendidos individualmente à banca em dezembro de 2013. A exposição coletiva esteve aberta entre 5 e 31 de março de 2014 na Galeria de Arte Loide Schwambach da Fundação Municipal das Artes de Montenegro, RS.
[3] Tratado "De la arte di ballare et danzare", disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b7200356s/f2.image.r=.langPT>. Acesso em 15 de maio de 2014. O conceito de *fantasmata*, de Domenico da Piacenza, é desenvolvido por Agamben (2012).

fantasmata, o fantasma, é a imagem entre movimentos, é a contração virtual da sua própria tensão interna, mas também a medida e a memória da série coreográfica inteira (Agamben, 2012). Assim foram entendidos os trabalhos poéticos na Suíte n.1: fantasmas de potência, medida e memória da coreografia; imagens-pausa da força de um curso de criação.

Criar é seguir um rastilho de poesia, investir nele, capturá-lo de um e de outro modo. Criar, no cotidiano acadêmico, é encontrar no ordinário uma carga viva onde o pensamento artístico ressoe. E aí, como na música e na dança, trabalhar e repetir, pausar, olhar novamente, desfazer, refazer, situar(-se). Sentir intensidades, mover-se em outras formas para dar a ver, por imagem, seu cantar e seu mover.

Imagem tem vida própria, peso e pulso, altera tempo, turba o corpo e move pensamento. Para Hélio Oiticica, "(...) a forma artística não é óbvia, estática no tempo, mas móvel, eternamente móvel, cambiante". Na voz do artista – "(…) faço música, pois acho que isto está mais perto de música do que de outra coisa qualquer"[4] – estão todas as danças, pausas, fantasmas, imagens possíveis.

Em *Dito Cujo*, Róbson de Oliveira parte das narrativas ditas que constroem, em sua pluralidade, cada um de nós. Sua pesquisa deu-se como uma vida – gênesis, mutação, constituição pelo outro –, coletando em vídeo relatos de pessoas do entorno falando sobre ele mesmo. A biografia de Róbson, no entanto, termina no corte-*suicídio* de seu nome de todo o material para que o vídeo passe a falar de um *dito cujo,* um certo sujeito narrado e, por isso, em viva construção. (Doc)instalação é a forma encontrada pelo artista para ativar as subjetividades do ouvinte através de histórias contadas sobre alguém. Convidado a sentar-se em uma poltrona, firma contato com os narradores "dele" na tela de vídeo assentada na poltrona em frente. Neste novo conceito, documentário e instalação conjugam forma e significado para aproximar intimamente quem narra (e mescla fatos e ficções sobre o dito cujo) de quem ouve.

Julia Willers, em *O canto das coisas*, investiga fotograficamente a poética do canto de objetos comuns, coisas de canto que ficam à parte e que efetivamente não recebem destaque. Nas imagens de Julia, vemos partes de objetos prosaicos, não

[4] PAPE, 2007.

mais que coisas, tratados com uma delicada riqueza: canto de livros, de um sofá, de jornais, de um improvável tênis, de uma almofada. Ampliados em *close*, os cantos das coisas são retirados da privacidade doméstica e nesse momento impõem pela dimensão e pela quantidade (uma série de oito fotografias), mesmo que por um momento, o cântico dos cantos.

2013, de Fabiano Mota Luiz, é um livro de artista desenvolvido a partir de uma *narrativa verbovisual multicamadas*[5] sobre o tempo de um ano inteiro. Cada dia, marcado sequencialmente em cada página do livro, é registrado através de *escrituras dissonantes autobiográficas, ficcionais e ensaísticas* que extrapolam as fronteiras da palavra e da imagem. São desenhos, fragmentos de diálogos, fotografias, organizados em capítulos em cuja ordem parece haver pouco ou nenhum nexo. “O livro é duvidoso” (2013, p. 29), diz o artista. Seriam suas as fotos reais ou simuladas? Seriam os diálogos lá escritos verdadeiros ou criados? Independente disso, *2013* é um espaço criado para *confundir e desacomodar* da “múltipla e sufocante repetição dos dias.” (2013, p. 24). Em um livro de um ano, Fabiano propõe suspeitar da vida, desconstruí-la, apesar de que lá estão, tocante e por extenso, trezentas e sessenta e cinco páginas, cento e sessenta quilômetros percorridos por ele diariamente, quinze mil quilômetros rodados no total.

Patrícia Fernandes partiu do que vivencia como professora para compor *Individualidades* e *Presenças* (imagem 1), dois painéis medindo 1,20m x 1,20m compostos de diversas fotografias. No primeiro há borrões, marcas de escrita acalcada e folhas vincadas dos cadernos de seus próprios alunos. No segundo, salas de aula e pátio capturados pela câmera na pequena altura da visão das crianças; embora vazios, aqueles espaços vibram. “São as marcas e as presenças, individuais ou anônimas, que estruturam a poética artística deste trabalho.” (2013, p. 55), analisa a artista. O seu olhar investigativo sobre o que lhe é familiar, agora exposto abertamente nas mesmas medidas do espaço institucional destinado a cada criança, tensiona marcas e presenças em nós.

[5] Neste parágrafo, em itálico, estão expressões empregadas pelo artista em sua monografia (LUIZ, 2013).



Imagem 1: Patrícia Fernandes, *Presenças*, painel fotográfico, 1,20m x 1,20m. Imagem cedida pela artista.

Tempo e transcendência são ideias fundadoras do trabalho de Neusa Melissa do Espírito Santo, a videoinstalação (IM)PERMANÊNCIA (imagem 2). Para a artista, não há tempo além do tempo presente e ele é também a própria impermanência (2013, p. 45). Assim, um relógio, uma estrada, um córrego compõem algumas das cenas escolhidas para fazer pensar sobre – talvez tocar – o tempo que passa, a vida que escorre. Um discreto e lento movimento de câmera, a tessitura etérea mas vigorosa da trilha sonora e momentos de puro silêncio aprofundam o tratamento dos temas do trabalho – nascimento, vida, morte – e constituem a poética da artista.



Imagem 2: Neusa Melissa do Espírito Santo, (IM)PERMANÊNCIA, 2013. *Frame* do vídeo. Imagem cedida pela artista.

Bruna Randt parte de uma constatação absolutamente simples, a inexistência de quadros na sala de sua casa, o que a levou a desenvolver estudos poéticos sobre paredes vazias. A instalação *Contralistas: não tem quadro na parede da minha sala,* constitui-se de desenhos das paredes de uma sala sem quadros, uma coleção de fotografias e uma lista, à semelhança de um catálogo telefônico, ambos compostos por fragmentos de paredes vazias. Contralista é a ironia da lista: enquanto esta é cheia, aquela é cheia de vazios; se esta é positiva, aquela opera em negativas; sendo esta útil, aquela congrega inutilidades. Propõe-se a artista "a compreender a ordenação do mundo impregnado de desorganizações" (2013, p. 52), abordando o contraponto entre cheio e vazio em contextos diversos como os gabinetes de curiosidades, precursores das coleções de museus, e a sociedade de consumo.

Elisandra Traugott apresenta textos táteis em sua própria pele, essa superfície sensível à "jornada dolorosa" do cotidiano. Meias, calçados, roupa íntima tornam-se instrumentos de impressão do tempo no corpo, efêmeros porém fortes apertos que a artista nos dá a ver. O que é íntimo e está sob as camadas da roupa que separam o corpo do mundo, tornou-se amplo e público nos adesivos que Elisandra aplicou pelos locais que repetidamente frequentava: parada de ônibus, parede no local de seu trabalho, elevador no local de seu estudo. *Marcas efêmeras* é o título e a ideia do trabalho de Elisandra, a pele exposta porque marcada (e remarcada) no cotidiano, em

deslocamentos no tempo.

Concluo repetindo: imagem tem peso e pulso, altera tempo, turba o corpo e move pensamento. E desejando que essa complexa dança jamais cesse na forma de viver do grupo aqui apresentado.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Ninfas*. São Paulo: Hedra, 2012. Coleção Bienal 78 p.

DOURADO, Henrique Autran. *Dicionário de termos e expressões da música*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

ESPÍRITO SANTO, Neusa Melissa do. *(IM)PERMANÊNCIA*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade de Montenegro, 2013.

FERNANDES, Patrícia Teixeira. *Escola – marcas e presenças*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade de Montenegro, 2013.

LUIZ, Fabiano Mota. *2013*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade de Montenegro, 2013.

OLIVEIRA, Róbson de. *Dito cujo*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade de Montenegro, 2013.

PAPE, Lygia. *Fala, hélio*. ARS (São Paulo) [online]. 2007, vol.5, n.10, pp. 16-25. ISSN 1678-5320. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-53202007000200002>. Acesso em 10 de maio de 2014.

RANDT, Bruna Aparecida Parreiras. *Contralista*: não tem quadro na parede da minha sala. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade de Montenegro, 2013.

TRAUGOTT, Elisandra Rambor. *Marcas Efêmeras*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade de Montenegro, 2013.

WILLERS, Julia Bartzen. *O canto das coisas*: o close de coisas de canto em uma poética fotográfica. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade de Montenegro, 2013.